

**Catequese<sup>1</sup> “Família consiste em um amar sem limites e sem fronteiras, como o próprio Cristo o fez e faz”**

**Cardeal Dom Orani João Tempesta,  
Arcebispo Metropolitano do Rio de Janeiro-RJ**

Eis um dos grandes conselhos preciosos que a *Amoris Laetitia* (AL) — exortação apostólica pós-sinodal “sobre o amor na família” — nos oferece para intensificar o amor na família. Esse belíssimo documento de nosso papa Francisco não pode ser lido apressadamente, deve ser saboreado a cada momento e a cada instante, pois sempre tiraremos riquezas e mais riquezas dele. Tenhamos em mente que não se trata de um documento sobre doutrina do matrimônio ou sobre doutrina da família; trata-se, na verdade, de um documento sobre o amor em família. Quem o lê percebe a linguagem da experiência e do viver cotidiano. É verdadeiramente um estilo coligado às necessidades de uma renovação, de uma verdadeira conversão de linguagem. Afinal, “o problema não é mudar a doutrina, mas inculturar os princípios gerais, a fim de que possam ser compreendidos e colocados em prática. A nossa linguagem deve animar e convalidar cada passo de cada família real”, afirmava o secretário geral do Sínodo, Lorenzo Baldisseri, aos 02 de abril, pela ACI Stampa. E também afirmou que “é preciso recontextualizar a doutrina a serviço da missão pastoral da Igreja. A doutrina é interpretada em relação com o núcleo do kerigma cristão e à luz do contexto pastoral, no qual se aplicará, recordando

<sup>1</sup> A presente catequese foi proferida por ocasião da Jornada Pastoral, na Igreja de Santo Alexandre, na manhã do dia 16/08.

sempre que a ‘suprema lex’ deve ser a ‘salus animarum’”. Na realidade, *Amoris Laetitia* é um documento fruto dos trabalhos dos Sínodos sobre a família — 2014 e 2015. Muito se ouviu e se aprofundou, analisaram a realidade em diversos lugares e, de modo especial, a conjuntura em que a família é chamada como Jesus a ter um comportamento em um amor sem fronteiras, em um amor transbordante e verdadeiramente misericordioso, pois Cristo veio a todos. A misericórdia, a paciência e o acolhimento são a chave para se ler a *Amoris Laetitia*, uma vez que é a maneira pela qual Deus exprime o Seu amor e é desta maneira que Ele nos convida a Seu seguimento. Os sacerdotes, religiosos(as) e agentes da Pastoral Familiar, do ECC e do Setor da Juventude são os primeiros a estudarem e aprofundarem a magnitude desse documento que traz uma riqueza e uma novidade na abordagem pastoral que é justamente a da misericórdia, a da paciência e do acolhimento, oferecendo esperança em abundância, pois é um chamado à aceitação e ao acompanhamento, à participação e à integração. “O caminho da Igreja é o de não condenar a ninguém; derramar a misericórdia de Deus sobre todas as pessoas que a pedem com coração sincero” (AL 296).

Por isso mesmo, podemos afirmar que o maior desafio para nós, cristãos católicos, aqui neste XVII Congresso Eucarístico Nacional, é fazer com que o lema deste se torne realidade, ou seja, “Eles O reconheceram no partir do Pão”; que nós possamos reconhecer Jesus no acolher e colocar em prática esse documento que formula propostas à Igreja e aos seus pastores para acompanhar a família, para integrá-la, permanecendo perto de qualquer pessoa que tenha sofrido os efeitos do amor ferido. É o caminhar de um dia inteiro que Jesus faz com os discípulos de Emaús e que cada um de nós é chamado a fazer com o próximo, para que no fim

da tarde tenhamos Jesus em nossa vida e O reconheçamos no partir do pão de nossa vida, de nossas dores, de nossas alegrias, de nossas esperanças. *Amoris Laetitia* nos desafia a sermos compreensivos frente a situações complexas e dolorosas. O papa Francisco quer que nos aproximemos dos frágeis com compaixão, e não com julgamentos, para “entrar em contato com a existência concreta dos outros e conhecer a força da ternura”.

O organizar deste evento mesmo é sinal de partilha pontuada. Os quase cinco mil voluntários cadastrados nos mostram o quanto queremos ser discípulos de Emaús para caminhar ao lado de Jesus, que nos ouve e nos propõe uma reflexão de nossa real situação, não para nos deprimir mais, mas para nos dar esperança e novo alento. A hospedagem solidária sempre é um sinal belíssimo de acolhimento ao peregrino que vem, mas acima de tudo do coração aberto destas famílias que acolhem no outro o próprio Cristo. Vejamos alguns pontos que possam nos despertar o querer saborear esse documento, não só lendo, mas rezando e colocando em prática tais conselhos vividos e experienciados pela Igreja. O documento divide-se em nove capítulos:

Capítulo I – À luz da Palavra — desde Gênesis ao Apocalipse, vemos as famílias, em suas gerações, histórias de amor e de crises. Aqui se retoma a família como Igreja doméstica, onde temos a síntese na Sagrada Família, pois “fecundidade do casal humano é imagem viva e eficaz, sinal visível do ato do criador” (AL 10).

Capítulo II – A realidade e os desafios das famílias — uma análise da situação das famílias atualmente, destacando-se o individualismo, que cria uma cultura prejudicial ao surgimento das famílias e no qual se cria um amor superficial e de sensações, sem comprometimento e nem mesmo for-

ça para ficar em pé. Por isso a educação é um grande desafio vivido nas famílias hoje. Precisamos mais família no almoço (ao redor da mesa) do que em um “grupo de WhatsApp”!

Capítulo III – O olhar fixo em Jesus: a vocação da família — aqui mostra o conceito doutrinal de família sem nenhuma novidade, mas apresenta um novo exercer pastoral àquelas situações nas quais algumas famílias estão submetidas. Fala da Paternidade responsável, em que “os cônjuges reconheçam plenamente os próprios deveres para com Deus, para com eles próprios, para com a família e para com a sociedade, em uma justa hierarquia de valores” (AL 68). Não recusar filhos por causas econômicas, mas crer na providência! Por isso mesmo não devemos terceirizar a educação, mas esta é função própria da família (cf. AL 74 e 84).

Capítulo IV – Amor no matrimônio — aqui se usa o hino paulino (1 Cor 13,4-7) para falar de um verdadeiro tratado do amor conjugal, que para ser bem compreendido deveria ser lido e relido por um e outro cônjuge e depois pelos dois. Quem mais conhece a beleza da família deve possuir a paciência, o esperar esperando e daí saber acolher (cf. AL 98).

Capítulo V – O amor que se torna fecundo — como o anterior, fala do amor, mas é mais contundente, pois aborda e pede que as famílias não se fechem em si, só como Igrejas domésticas, mas sejam uma Igreja em saída. Daí também se defende a vida, a posição contrária e clara do aborto e qualquer violência, desde a concepção da vida humana (cf. AL 166 e 167). Os pais têm um papel vital no crescimento e amadurecimento dos filhos, por isso cada um deve assumir sua responsabilidade, não enfraquecendo de modo algum estas preciosas presenças (cf. AL 173 e 177).

Capítulo VI – Algumas perspectivas pastorais — eis aqui o nosso norte pastoral! Há recomendações essenciais para toda a Igreja! (cf. AL 201.) O Evangelho é sempre novo, e, com a doutrina, temos como acolher as diversas situações difíceis por que as famílias passam. É preciso que os leigos construam esta sociedade com valores familiares que não possam romper por nenhum tipo de ideologia o acompanhamento dos noivos, inclusive nos primeiros anos de casados (cf. AL 201 e 212). Aqui também vem a questão dos recasados, em que temos direcionamentos no acolhimento sem concessões doutrinárias. A atração de pessoas de mesmo sexo, acolhemos e acompanhamos, mas não podemos concordar com a situação de uniões homoafetivas como casamentos, porque nunca foram e nunca serão em nenhum momento da História (cf. AL 250, 251). Finaliza com um convite à espiritualidade como Igreja Doméstica (cf. AL 227).

Capítulo VII – Reforçar a educação dos filhos — dedica-se aqui à educação, algo inalienável aos pais para com os filhos, tornando-se, assim, um dos deveres do casal (cf. AL 260, 263).

Capítulo VIII – Acompanhar, discernir e integrar a fragilidade — eis aqui um convite do olhar misericordioso frente às imensas dificuldades que se apresentam às famílias hoje (cf. AL 312).

Capítulo IX – Espiritualidade conjugal e familiar — neste, temos a vida familiar como a via privilegiada para a experiência da espiritualidade cristã e a imagem da Sagrada Família como paradigma (cf. AL 316 e 322).

Reafirma-se, pois, o ideal da família, mesmo frente à sua rica e complexa realidade. O documento é uma leitura densa de motivos espirituais e de sabedoria prática útil a cada casal ou a pessoas que desejam construir uma família. Nota-se,

sobretudo, que foi fruto de uma experiência concreta com pessoas que sabem a partir da experiência o que é a família e o viver juntos durante muitos anos. A Exortação fala de fato da linguagem da experiência e da esperança. Como já pude dizer em outro momento e aqui repito e ratifico: se Wojtyła não muda nada na doutrina, mas com a exortação apostólica *Familiaris consortio* faz uma pequena revolução que não contrapõe família cristã com as outras famílias, Francisco, com *Amoris Laetitia*, reflete sobre matrimônio e família, mostrando que não é o consórcio como para João Paulo II, mas o amor, a força e a potência do Evangelho o que mais valem no matrimônio e na família. E que sem dúvida são o centro da missão (Cf. Jo 21,15-19) para todos nós: o amor e a alegria do amor, afinal família é o lugar privilegiado de encontro com Deus.

